

SINTEPE
CNE CUT



**CENTRO
PAULO FREIRE**
ESTUDOS & PESQUISAS



SINPROJA
Conselho de Desenvolvimento Educacional Municipal de Curitiba em Defesa da Educação
Filial do CNE e CUT

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS N°4-5/2021



**(4) PAULO FREIRE NA ESCOLA:
ENSINAR E APRENDER EXIGEM
CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA
E PENSAR CERTO**

**(5) PAULO FREIRE NA ESCOLA:
ENSINAR EXIGE AMOROSIDADE,
OUVIRTUDE E UMA CONSTANTE
AVALIAÇÃO DA PRÁTICA
EDUCATIVA**

Targelia de Souza Albuquerque

100°
ANIVERSÁRIO
PAULO FREIRE
1921-2021

CNE CUT



Education International
Internationale de l'Éducation
Internacional de la Educación
BildungInternationale

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS - Nº 4 e Nº 5/2021

(4) PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR E APRENDER EXIGEM CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA E PENSAR CERTO

(5) PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR EXIGE AMOROSIDADE, OUVIRTUDE E UMA CONSTANTE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA

Targelia de Souza Albuquerque

Reunimos os cadernos 4 e 5 nessa publicação para agilizar a entrega e possibilitar um estudo anterior com mais tempo, antes das lives.

**CAMPANHA NACIONAL E INTERNACIONAL RUMO
AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE**

PROJETO: PAULO FREIRE NA ESCOLA

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS: CPFREIRE – SINTEPE – SINPROJA

INSTITUIÇÃO CONVIDADA: PUC/MINAS (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. PROJETO LER COM REFUGIADOS E MIGRANTES)

COORDENAÇÃO COLEGIADA: Natália de Souza Albuquerque (CPFREIRE e USP/SP); Inez Fornari de Souza (CPFREIRE); Séphora Freitas (SINTEPE; SINPROJA) e Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE, UFPE, FACHO)

COLABORADORAS: Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Nayde dos Santos Lima (CPFREIRE)

AUTORA dos textos 1, 2, 3, 4, 5: Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE)

AUTORAS do texto 6: Targelia de Souza Albuquerque e Karla Fornari de Souza (CPFREIRE)

REVISÃO TÉCNICA: EQUIPE DE COORDENAÇÃO E COLABORADORAS.

ESCULTURA: Marcelo Figueiredo

FOTO DA ESCULTURA: Jônatas Campos/Tempus Comunicação

PROJETO GRÁFICO: Henrique Carvalho/Tempus Comunicação

IMPRESSÃO: Gráfica Três Reis

LOCAL E ANO DE PUBLICAÇÃO: RECIFE/2021

APRESENTAÇÃO

Sejam bem-vindas/os ao Projeto Paulo Freire na Escola! Estamos caminhando rumo ao centenário de Paulo Freire e este projeto colabora com a formação continuada de professoras/es à luz de seu pensamento.

O objetivo central deste projeto é construir espaços dialógicos com professoras e professores de todo o Estado de Pernambuco, para conhecerem e aprofundarem a Pedagogia Paulo Freire, tornando-a práxis no cotidiano de suas vidas. É um convite para dialogar sobre suas contribuições para um projeto de Educação/Escola substantivamente democrática.

Este projeto está sendo organizado por uma coordenação colegiada, formada pela Profa. Dra. Targelia de Souza Albuquerque (Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas), pela Dra. Natalia de Souza Albuquerque (Universidade de São Paulo), pela Profa. Inez Fornari de Souza, diretora Administrativa do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas e pela Profa. Séphora Freitas, diretora do SINTEPE e vice presidenta do SINPROJA. Ele será uma oportunidade de estimular nossa participação interdisciplinar, religando vários saberes de diferentes áreas do conhecimento, construindo uma problematização crítica sobre nosso fazer educativo cotidiano e a própria razão de ser da escola, da educação.

Aqui, contaremos com dois momentos principais: 1. Leitura e anotações crítico-propositivas de um texto que aborda categorias da Pedagogia Paulo Freire, articulando teoria e prática. 2. Para aprofundar a compreensão, tirar dúvidas e debater ideias e práticas, organizaremos Lives com a participação de convidadas/os estudiosas/os de Paulo Freire.

O tempo de cada Live será de 60 minutos, sempre começando às 19h. As lives serão transmitidas simultaneamente em diversos canais. Vocês terão acesso a elas por meio do **Instagram @muitomaisperguntasquerespostas**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINTEPE**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **CPFreire** e pelo canal do **Youtube** e Facebook do **SINPROJA**. A pesquisadora Natalia de Souza Albuquerque será a mediadora.

Este projeto conta com a colaboração de diversas pessoas do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa, do SINTEPE e do SINPROJA. Para saber mais sobre essas instituições, que nos ajudam a dar vida ao Projeto “Paulo Freire na Escola”, e entender o papel crucial que elas têm na produção de conhecimento e na luta por uma Educação substantivamente justa, ética e democrática, nós a/o convidamos a ler os textos a seguir.

Um abraço fraterno,
Coordenação Colegiada

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas

O Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, doravante denominado CPFreire, fundado em 29 de maio de 1998, é uma associação civil, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 03.709.317/0001-90.

A Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, berço no qual Paulo Freire iniciou seu sistema educacional, solidária com os objetivos do CPFreire e entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Sua sede está localizada no Campus Recife, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Educação, Sala E004.

O CPFreire tem como finalidade educativa e cultural manter em circulação e vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Objetiva promover atividades educacionais e culturais populares, cursos de formação continuada de professoras e professores, visando divulgar o pensamento do educador Paulo Reglus Neves Freire, aprofundar estudos sobre sua obra e trajetória política, construir conhecimentos, tomando como referencial sua contribuição para a Educação, oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012, proclamando-o **Patrono da Educação no Brasil**.

Dentre as diversas ações realizadas pelo CPFreire, vem ocupando espaço relevante o **Colóquio Internacional Paulo Freire**, que já segue para sua XI versão. Em 2021 estaremos realizando a 2ª edição dos Pré-Colóquios em alguns municípios do Brasil e do exterior. Ressaltamos que devido ao agravamento da pandemia da Covid-19, os Encontros estão sendo realizados remotamente.

O I Colóquio Internacional Paulo Freire foi realizado em 1998. Sua avaliação positiva, assim como a das versões que o sucederam são indicadores da contribuição do CPFreire à criação da prática de uma ação educativa e cultural para a liberdade, que se consubstancia em uma educação dialógica, base de uma democracia plena com maior compreensão entre os povos. Estes Encontros se constituíram em um espaço privilegiado de troca de experiências, de produção de conhecimentos, processos de estudos e pesquisas que propiciam a construção de novos conhecimentos e saberes.

Assim, de dois em dois anos, reúnem-se estudiosas(os) do pensamento freireano, educadoras(es) de vários níveis, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, especialmente da educação popular e da saúde, provenientes de várias partes do mundo, principalmente da América Latina, África, Europa e de vários Estados brasileiros.

A Diretoria e o Coletivo Paulo Freire esperançosa(o), com apoio das(os) parceiras(os): UFPE, PROExC, CE, Cátedra Paulo Freire, FAFIRE, Fóruns de EJA, SINTEPE, SINPROJA organizam e realizam os Pré-Colóquios Rumo ao XI Colóquio Internacional - **100 ANOS DE PAULO FREIRE: da leitura de mundo à emancipação dos povos, para 16, 17, 18 e 19 de setembro de 2021. VAMOS ESPERANÇAR JUNTAS E JUNTOS?**



www.centropaulofreire.com.br



[cpfreire_pe](https://www.instagram.com/cpfreire_pe)



[C Paulo Freire](https://www.facebook.com/CPauloFreire)



www.youtube.com/channel/UCtjML4cSFA2HKQyTan4bnv

SINTEPE

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (SINTEPE), filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), foi fundado no dia 26 de março de 1990, após um congresso de unificação. A constituição do SINTEPE fundiu forças importantes em uma só luta: Associação dos Professores do Ensino Oficial de Pernambuco (Apenope), Associação dos Supervisores do Estado de Pernambuco (Assuepe), Associação dos Orientadores Educacionais de Pernambuco (Aoepe) e a Comissão dos Administrativos. Mais recentemente passamos a representar também os/as analistas educacionais.

Atualmente, a entidade representa a maior categoria do Estado, com 75.242 mil servidores(as) (ativos e aposentados), dos quais mais de 22 mil são filiados/as. Nossa atuação abrange todo o Estado de PERNAMBUCO, com 13 núcleos regionais, além da sede, localizada em Recife.

Nesses 31 anos de existência do SINTEPE, a luta dos/as trabalhadores/as em educação tem sido por melhores salários e por condições de trabalho. Mas, a sua pauta não se resume às questões corporativas. Temos a certeza de que, para alterar a realidade brasileira, é preciso o envolvimento da categoria em outras demandas, relacionadas a busca por justiça social e igualdade de oportunidades para a classe trabalhadora.

A unidade dos/as trabalhadores/as em educação sempre foi fundamental para as conquistas coletivas, utilizando os caminhos possíveis, como o diálogo, a negociação, a ocupação das ruas e, hoje ainda mais, os meios tecnológicos. Os percursos são sinuosos. Tivemos avanços e retrocessos. Em nossa histórica, nunca faltou perseverança e disposição, o que nos dá a certeza de que a luta vale a pena.

O SINTEPE tem por princípio a defesa de uma educação pública, democrática, inclusiva e libertadora e, por isso, segue o ideal freireano, que reconhece educador/a e educando/a como sujeitos do processo educacional. Assim, no ano do centenário do Patrono da Educação Brasileira, abraçamos o **Projeto Paulo Freire na Escola**, como forma de mobilizar a sociedade a organizar-se para mudar o mundo. **Venha esperar conosco e fortalecer a resistência!**

 sintepe.org.br    [sintepedigital](#)

SINPROJA

O SINPROJA completou 28 anos, cultivando valores como compromisso, solidariedade, unidade, lutas e conquistas que marcaram sua trajetória desde 1984, quando ainda era APROJA (Associação dos Professores do Jaboatão).

Sua história começou num tumultuado momento da política local, marcado por intervenções no município e demissões de professores(as), passando por momentos importantes, que marcaram o início da reorganização política da categoria, ao transformar-se, através de uma assembleia histórica, no demolido Clube Jaboatonense, em SINPROJA (Sindicato dos Professores do Município do Jaboatão dos Guararapes), em 30 de março de 1993. E, posteriormente, com a unidade entre professoras(es) e funcionários/as da educação na base da categoria, alcançada a partir do III Congresso, em 05 de outubro de 1999, que vai consolidar sindicalmente o formato que possui até hoje, de congregar todos os trabalhadores e trabalhadoras em educação em sua base.

Filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), o SINPROJA abraça e encaminha as deliberações nacionais, de forma contundente e destacada. Sua história mostra um legado de grandes conquistas, tais como: o Estatuto do Magistério, em 1995; Realização da I Conferência Municipal da Educação em 2000; Conquista do Plano de Cargos e Carreira (PCC) dos Professores em 2002 e do Plano de Cargos, Carreira e Vencimentos dos Administrativos em 2008; a Lei do Piso Salarial do Magistério etc.

Jaboatão dos Guararapes fez parte das andanças de Paulo Freire, integrando o roteiro de suas reflexões e inspirações. Ele continua vivo, tendo o SINPROJA como herdeiro dos seus ideais, atuando na propagação de seu pensamento, seja nos cursos de formação política e sindical que realiza, seja nos fóruns educacionais que seus dirigentes participam, bem como em suas ações de luta em defesa da democracia e da garantia de direitos.

Nesse sentido, o SINPROJA se incorpora a mais uma iniciativa de comemoração ao centenário de Paulo Freire, levando para as escolas do Município, através desses Cadernos Pedagógicos, as grandes contribuições do Patrono da Educação Brasileira e acreditando que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. O sonho coletivo é a transformação em processo de realização. JUNTAS(OS) SOMOS FORTES!

 sinproja.com.br  [sinproja_jaboatao](https://www.instagram.com/sinproja_jaboatao)  [sinproja](https://www.facebook.com/sinproja)  [SinprojaOficial](https://twitter.com/SinprojaOficial)

CRONOGRAMA DAS LIVES, COM RESPECTIVAS TEMÁTICAS

- Live 1. Dia 29/05 - Temática: Paulo Freire na Escola: uma história de vida em defesa da vida.
- Live 2. Dia 26/06 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige diálogo.
- Live 3. Dia 28/08 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige respeito e autonomia aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos(as) e educadores.
- Live 4. Dia 02/10 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar e aprender exigem a curiosidade epistemológica e o pensar certo.
- Live 5. Dia 06/11 - Temática: Paulo Freire na escola: Ensinar exige ouvirtude e amorosidade
- Live 6. Dia 04/12 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige criatividade e esperança
- Live 7. Dia 11/12 - Para a Avaliação dialógica do Projeto Paulo Freire na Escola: A vez e a voz dos(as) professores(as).

Para quem participar efetivamente das seis lives, serão entregues Certificado de participação pelo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa e SINTEPE e SINPROJA.

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS - Nº 4/2021

PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR E APRENDER EXIGEM CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA E PENSAR CERTO

Targelia de Souza Albuquerque
targeliaalbuquerque@gmail.com

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou das educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança.
(Paulo Freire)

INTRODUÇÃO:

Refazendo o caminho de volta

Caros(as) educadores(as), vamos iniciar hoje as nossas reflexões rumo ao Centenário de Paulo Freire, trazendo três conceitos que se inter-relacionam: curiosidade epistemológica, rigorosidade metódica e pensar certo, em íntima relação com a questão da ideologia. Diferenciaremos a curiosidade ingênua da curiosidade epistemológica e demonstraremos que não pode existir um pensar certo sem que se pratique a rigorosidade metódica. Procuraremos responder às seguintes questões: Como fazer a travessia da consciência ingênua para a consciência crítica? Em que medida nós precisamos construir práticas educativas que estimulem a curiosidade epistemológica, abrindo caminhos de apropriação crítica e produção de novos saberes na escola? O que faz professores(as) com seus/suas estudantes distinguirem o pensar errado do pensar certo? Quem define essas verdades?

Em seus primeiros escritos, a exemplo de sua tese para ingressar na carreira docente no ensino superior em 1959: *Educação e Atualidade Brasileira*, Paulo Freire demonstra que não se pode refletir sobre um projeto de educação sem compreender a estrutura e conjuntura social, política e econômica do país e suas relações com o mundo. Chama a atenção para uma questão fundante de seu pensamento: como a escola pode construir um pensamento crítico, se os processos educacionais predominantes são autocráticos e antidilógicos? Como aprender a discutir, a debater, a pensar criticamente, em uma escola que trabalha sobre o educando(a) e não com ele(ela)? (FREIRE, 2001). Em *Pedagogia do Oprimido*, publicado aqui no Brasil em 1974, coloca o diálogo como motor de uma educação como prática de liberdade, diferenciando radicalmente a educação bancária da educação dialógica. Elas se inserem como parte de projetos antagônicos de sociedade.

Na educação bancária, o professor não é concebido como educador, pois, a anti-dialogicidade marca todo o processo de ensinar; há a predominância de uma hierarquização masculinizante, conservadora, classificatória e excludente. O professor é o detentor do saber inquestionável; o ensino é transmissão do conhecimento e o aluno é um repositório das informações que serão cobradas em provas dissertativas e/ou de múltipla-escolha para avaliar a reprodução dos saberes,

transmitidos com uma maior fidelidade possível. Não se problematiza os conteúdos curriculares, suas origens, a história, ou seja, sua matriz epistemológica, nem o jogo de poder e as contradições em que estes são gerados e difundidos.

Na educação dialógica, emancipatória como prática de liberdade, a perspectiva freireana defende a educação como ato político em cuja historicidade se tece as múltiplas relações sociais produtoras dos saberes. Há desmistificação dos condicionamentos que movem o currículo; do jogo de interesses de classes e da disputa de territórios culturais, científicos entre outros saberes que se afirmam, são negados e ou silenciados pela escola, muitas vezes sob pressão de órgãos gestores. O diálogo, a crítica e a ética são fundantes da prática educativa. A problematização é necessária para se desvelar as relações de opressão que se concretizam dentro e fora da sala de aula. A descodificação dessas realidades sociais, econômicas, políticas e culturais em um trabalho colaborativo de imersão na realidade, possibilita as emersões crítico-propositivas, educadores(as) se tornam mais fortes e revigorados à mudança, às decisões de rebeldia e tomadas de decisões com objetivo de transformação social, a começar pela própria escola. Nessa perspectiva nem o(a) professor(a) são meros transmissores(as). Eles e elas trabalham com os(as) estudantes, também chamados(as) educandos(as), pois, ensinam e aprendem em comunhão. De modo que, ao nomearmos nesse nosso trabalho professor(a) ou educador(a) estaremos na perspectiva freireana assumindo que não há autoritarismo nessa relação. Mas responsabilidade solidária nos atos de ensinar e aprender, como uma construção relacional de sujeitos humanos incompletos, inconclusos e inacabados que, em determinado momento uns(umas) assumem a direção do processo por autoridade conquistada e outros(as), iniciam a caminhada como aprendizes, mas, que também podem ensinar, a partir dos saberes de experiência feitos. Por isso reafirmamos com Paulo Freire: a prática educativa emancipatória exige o respeito aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos(as) e educadores(as). Não existem saberes maiores ou menores; e sim diferentes tipos, por essa razão, há necessidade de construirmos um coletivo reflexivo na escola capaz de se comprometer com a descolonização do currículo, agregando caminhantes e trilhas para mudar a cara da escola (FREIRE, 2007; IVOR GOODSON, 2008).

Sugerimos nesse momento que cada professor(a) retome as leituras anteriores dos Textos 1, 2 e 3 do projeto Paulo Freire na escola, para trazer ao debate as suas anotações, dúvidas, contrapontos e experiências concretas.

Paulo Freire insiste que podemos e devemos mudar a cara da escola. Pre-

cisamos assumir a feitura do projeto político-pedagógico de nossa escola. Não podemos permitir que nos empurrem propostas educacionais “de goela abaixo”, tentando desqualificar o nosso trabalho e a nós mesmos, porque somos sujeitos protagonistas da história e da prática educativa da escola. Se a escola ceder território, este pode ser ocupado por forças antagônicas e opressoras. Se houver passividade, paralisação, outros líderes assumirão e controlarão os espaços, invadirão corações, cooptarão os mais frágeis e burocratizarão mentes.

Paulo Freire defende a alegria na escola, a vida correndo nas suas entranhas, os saberes científicos, tecnológicos, culturais, políticos circulando nas suas veias e nutrindo o “corpus” institucional, jamais negligenciando os desafios da realidade intra e extraescolar e as demandas do mundo. Por essa razão ele coloca três grandes desafios para nós: professores(as) porque somos educadores(as).

1 • Compreender que a educação é um ato político molhado de ideologia. Desmistificar, descodificar a ideologia que orienta os atuais projetos de nação, o projeto político-pedagógico da nossa escola; as nossas práticas educativas dentro e fora de sala de aula exigem de cada professor(a) uma opção ética; uma decisão, que com certeza trará consequências que precisaremos enfrentar juntos(as).

2 • Transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica. Isso implica a passagem da curiosidade de senso comum para a curiosidade epistemológica.

3 • Rigorosidade metódica e pensar certo para decidir com bases na ética universal do ser humano: problematização da educação, do currículo, das práticas educativas emancipatórias dentro e fora de sala de aula, da própria vida.

Ao refazer o caminho de volta, (re)aprendendo com os desafios postos por essa história mundial, nacional e local; trágica e contraditória que está se escrevendo sob a força destrutiva da pandemia, mas também, pela tirania de mãos opressoras, em tempos de Pandemia, reafirmamos a nossa certeza de que podemos contar com Paulo Freire na nossa escola, em diálogo com outros autores(as) e com o nosso coletivo.

Cada um(a) pode dar os primeiros passos e estimular a caminhada, enfrentando os problemas, jamais colocando-os para baixo do tapete. Paulo Freire em diálogo com Horton (2009) chama a atenção que existe uma certa dimensão individual da realização social, por essa razão, o coletivo não é acéfalo. Lembremos Boaventura de Souza Santos (2000) quando diz de diferentes maneiras: o

conhecimento emancipatório compromete. Ao aprendermos não podemos fingir que desconhecemos as situações. O conhecimento emancipatório rompe com os paradigmas tradicionais conservadores, pois, transforma a ação e nos modifica por dentro. Possibilita assim a construção coletiva do conhecimento prudente para uma vida decente.

Se continuarmos a compreender o mundo com os olhos dos opressores continuaremos a compactuar com essa terrível proposta fatalista neoliberal, justificando a naturalização das injustiças. Urge a construção de um novo conhecimento-emancipação construído com os(as) desfavorecidos(as) do mundo, “condenados(as)” da terra, como reaviva Paulo Freire, para que o novo conhecimento produzido nos ajude a pensar, compreender diferente e investir na justiça, na dignidade e solidariedade.

Construir uma educação da e na escola para a qualidade social é trabalhar radicalmente contra a dualidade que nela se instala: **uns são capazes de aprender; outros não**. Ou então: uns merecem aprender, e outros não. Qualidade para poucos não é qualidade; é privilégio vai reforçar Gentili (1997). Nós que participamos desse projeto Paulo Freire na escola precisamos fortalecer a nossa vontade e exercermos a coragem da rebeldia, da boa briga para irmos além da retórica da democracia e consolidarmos uma práxis transformadora na nossa escola.

Precisamos mudar pela nossa liberdade, para não sermos mais amordaçados nem amordaçar; para rompermos o silêncio e deixar fluir as vozes dos(as) educandos(as) e dos(as) professores(as). Urge sonharmos juntos. Sonhos movem a energia vital que agrega e fortalece um coletivo pedagógico vigoroso, que reconhece as diferenças e assegura o lugar de cada um (a) como companheiro (a) de trabalho por uma causa comum: uma educação/escola democrática como parte fundamental de um projeto de sociedade digno, fraterno e justo. Os sonhos não são quimeras. São realidades possíveis. Mas não basta sonhar. É preciso agir, intervir para mudar. Isso é esperarçar!

Com Paulo Freire entramos em cada escola e integramos cada coletivo pedagógico. Nesse momento, vem à lembrança de uma passagem do livro de Joestein Gaarder (1997), denominado *Ei! Tem alguém aí?* Transcrevemos o diálogo entre Joakim, um garoto da terra, quando ele dialoga com Mika, um possível garoto de outro planeta, sobre o conhecimento do mundo, das pessoas e de si mesmo.

Explica Mika: _ “Lá de onde eu venho, explicou ele, nós sempre fazemos uma reverência quando alguém faz uma pergunta fascinante. E quanto mais pro-

funda for a pergunta, mais profundamente a gente se inclina”.

Questiona Joakim: _ “Não entendo. Por que vocês fazem uma reverência diante de uma pergunta”?

MiKa: ”Quando você se inclina, você dá passagem. A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você, só uma pergunta pode apontar o caminho para a frente”. (GAARDER, 1997, p. 27 e 28).

Quando começamos a conhecer, desbravar os mistérios do conhecimento, da realidade, algo se transforma em nós. Não queremos mais parar, não podemos mais deixar de perguntar e tomar posições. Segundo Freire “Como professor crítico sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente devia necessariamente repetir-se”. Acrescenta “Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural histórico, inacabado e consciente do inacabamento”. (FREIRE, 2000 a, p. 55).

1. Compreender que a educação é um ato político molhado de ideologia.

Paulo Freire ao falar em rigorosidade ética nos processos de formação dos(as) educadores(as) e na formação plena dos educandos(as), reafirma que ambos os processos exigem rigorosidade metódica, diretamente relacionada à questão da ética universal do ser humano, e não à ética menor que é a defendida pelo mercado. (FREIRE, 2000a).

Na visão de Gadotti (1996), Paulo Freire em suas diferentes obras oferece elementos significativos para a análise crítica da globalização de mercado, e também traz sólidas contribuições para se desmistificar as políticas neoliberais, desvelando as suas profundas contradições. Paulo Freire convoca os educadores e educadoras a analisar o papel e a função social da educação e da escola, tomando como base uma questão de extrema relevância, a ideologia.

Reafirma que a educação é molhada de ideologia; ela não é neutra. É ideológica, portanto cada educador(a) precisa ter clareza de seu lugar no tempo e espaço; e qual a visão de si com e no mundo. O ser humano é movido por ideologia ou ideologias. Ele está sempre fazendo opções e precisa assumir a responsabilidade de suas posições e suas práticas educativas. A ideologia, como conjunto de saberes, sentires e fazeres cria um sentido de coesão. Mas, a ideologia pode mascarar a verdadeira realidade e produzir uma falsa consciência ou ainda, ser usada

intencionalmente para fragmentar e diminuir forças. Precisamos como educadores(as) críticos (as) nos debruçarmos na problematização, na análise de diferentes pontos de vista, para enxergarmos os fatos, as contradições, muitas vezes encobertas por um nevoeiro, fruto da astúcia maniqueísmos dos(as) opressores(as).

“No exercício crítico de minha resistência ao poder manhoso da ideologia hegemônica, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria indispensável à minha prática docente”. (FREIRE, 2000 a, p. 151). Isso fortalece o grupo e abre possibilidades de construção de saberes emancipatórios, a partir de uma atitude aberta que permite compreender seus modos de aprender e de ensinar, bem como os conteúdos apreendidos no processo. Tudo isso se transforma em fonte de uma contra hegemonia.

A “desmistificação ideológica”, como fundante da substantividade democrática, exige um persistente e compreensivo trabalho educativo, mediado pela disponibilidade para o diálogo acompanhado de um profundo querer bem aos educandos e às educandas. Estar disponível ao diálogo é abrir-se à realidade dos educandos e das educandas com quem partilho a atividade educativa. É o reconhecimento de que ensinar e aprender é síntese da unidade teoria-prática. Esta é uma questão de suma relevância para a formação do professor e da professora: como ensinar, como formar, estando abertos/as ao contorno geográfico, ecológico, econômico, ao mundo, de maneira geral e às subjetividades de nossos alunos e alunas? A relação dialógica se dá entre sujeitos mediatizados pelo conhecimento do mundo, como tão bem explicou Freire (1987) em *Pedagogia do Oprimido* e em *Pedagogia da Esperança* (1999) e na *Pedagogia da Autonomia* (2007). Esta Pedagogia nos ajuda a diminuir as distâncias entre nós e os/as “excluídos/as”. Recomenda Paulo Freire, procuremos questionar as nossas certezas e colaborar com nossos educandos(as) a também confrontarem as suas, desvelando as fontes desses nossos olhares.

2. Transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica

A conscientização é o movimento da natureza humana que possibilita perceber a sua «inconclusão», mas que implica necessariamente em provocar o movimento permanente em busca do ser mais. “Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele” (FREIRE, 2000 a, p. 61).

Aprender a criticar e se dispor a mergulhar na realidade e descobrir-se e descobrir o mundo não são nada fáceis. Essa é uma prática educativa que

exige confiança, pois só através dela, há possibilidade de compartilhamento de visões, de expressão de sentimentos e de exposições mais intensas e profundas dos seres humanos.

Há professores(as) que têm uma tendência de desconsiderar visões ou posições diferentes da sua e tentam assim vivenciar processos de convencimento e autoritarismo disfarçado em sala de aula, a exemplo: “você tem razão, mas, procure pensar de outra forma. Estude o que eu expliquei em sala e está no livro”. É indispensável que as falas sejam consideradas e problematizadas. Isso significa buscar as origens das mesmas, como elas foram formuladas e os porquês; o diálogo deve se construir em bases verdadeiras.

No livro *O caminho se faz caminhando*, em que Paulo Freire dialoga com Myles Horton, conseguimos, através da fala do próprio Paulo Freire uma síntese sobre essa travessia da “consciência ingênua para a consciência crítica”. Precisamos compreender o que é transitividade; esse contínuo que possibilita a superação. Esse processo não é de ruptura mecanicista nem autoriza maniqueísmos. Estamos imersos em uma dinâmica dialética: ora avançamos ora retrocedemos para avançar com maior lucidez. Sempre devemos colocar as nossas próprias certezas em movimento crítico.

Observemos essa fala de Paulo Freire a Myles Horton:

Acho que uma das melhores maneiras, para a gente trabalhar como seres humanos é não só saber que somos seres incompletos, mas, também assumir essa incompletude. [...] Temos de nos inserir em um processo permanente de busca, sem isso, morreríamos em vida. O que significa que manter a curiosidade é absolutamente indispensável para que continuemos a ser ou a vir a ser. (FREIRE e HORTON, 2009, p. 43).

É na verdade, o autorreconhecimento dessa incompletude que move a busca, a descoberta. O perigo da estagnação é a burocratização da mente. Nesse sentido, Paulo Freire destaca a importância do ato de ler e da análise crítica do conteúdo que lemos e estudamos. Através das leituras de mundo, ampliadas pela leitura das palavras vamos aos poucos nos redescobrimos e assumindo nosso lugar de sujeitos na história. Ele afirma “Ler é um ato de amor”. “Uma sensação plena de felicidade” (FREIRE e HORTON, 2009, p. 55). Para Freire, ler, compreender, dialogar com o autor, penetrar em cada cenário no seu tempo, interpretar o autor, levando em consideração as relações tecidas na sua obra, dialogar com outros autores que tratam do mesmo assunto e vão mais adiante; reescrever o texto, descobrir equívocos, se colocar como um sujeito também daquela obra,

tudo isso é um ato de amor. Às vezes, Paulo Freire aos dezenove anos, ficava até duas da madrugada lendo. Isso incomodava a sua mãe, porém, como ele mesmo descreve: “Eu tinha uma conexão quase física com o texto. Foi essa experiência que começou a me ensinar como a leitura também é um ato de beleza porque tem a ver com o leitor reescrevendo o texto. É um evento estético” (FREIRE e HORTON, 2009, p. 54).

Aprendemos com Paulo Freire e Horton que uma das aprendizagens relevantes para esse processo de transitividade da consciência ingênua à crítica é a leitura; leitura-estudo; leitura-poesia; leitura-contos; leitura-sonhos; leituras impregnadas de vida que movem desejos que movem sonhos e transformam realidades. Leituras precisam de reflexão, de debates e de anotações. Por exemplo, esse nosso projeto: Paulo Freire na escola convida cada educador(a) a ler um texto indicado, propõe que anotem suas dúvidas, problematizem, registrem discordâncias, exemplifiquem e participem conosco das rodas de diálogo que acontecerão, a partir das lives, publicada no cronograma de cada caderno pedagógico. Fica aqui uma sugestão metodológica: construam assim um pequeno grupo de discussão, irradiem aprendizados, congreguem mais colegas; com esses passos do caminho estaremos dizendo: Não ao fatalismo, ao autoritarismo e com Paulo Freire aprenderemos a semear e ecoar as nossas vozes através do litoral ao sertão.

3 • Curiosidade ingênua e curiosidade epistemológica: construindo um pensar certo com bases na ética universal do ser humano

Paulo Freire nos fala dessa “travessia” no seu livro *Pedagogia da Esperança* (1999), quando participava de um processo educativo com trabalhadores do campo. Ele relata que, no início da reunião “os camponeses” estavam tímidos, calados, na espera da sua fala. Os trabalhadores passavam a ideia de submissão ao doutor que iria palestrar e eles estavam prontos para ouvir “tamanha sabedoria”. Para romper com aquela situação de “submissão à autoridade intelectual”, Paulo Freire propôs um jogo de perguntas, e quem acertasse marcaria um gol. Ganharia a partida quem fizesse mais gols. Paulo Freire representava um time e os trabalhadores, outro. Aqui apresentamos um relato adaptado do diálogo relatado por Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Esperança* (1999)

Paulo Freire faz a primeira pergunta:

- Que significa a maiêutica socrática?

Consciência Crítica - C



SABER



CERTO

LIBERDADE

ica - Consciência Ingênua



DIÁLOGO



ERRADO

BERDADE

Escuta-se uma gargalhada geral e ninguém responde.
Paulo Freire então marca um gol e diz
- “Agora cabe a vocês fazerem uma pergunta a mim”.
Um trabalhador pergunta então: - Que é curva de nível?
Paulo Freire não soube responder, e o grupo dos trabalhadores marcou também um gol.
O jogo prossegue com Paulo Freire: - Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?
Ninguém sabia responder. Paulo Freire diz: Dois a um.
Um clima de entusiasmo vai sendo criado e o desafio continua.
- Para que serve a calagem do solo? Pergunta outro trabalhador.
Paulo Freire não sabe responder.
Um dos trabalhadores marca: dois a dois.
Paulo Freire pergunta: - Que é verbo intransitivo?
Nenhuma resposta; então o placar sinaliza: Três a dois.
- Que relação há entre curva de nível e erosão? A pergunta vem dos trabalhadores.
Paulo Freire não sabe. O placar vira três a três.
- Que significa epistemologia? Questiona Paulo Freire.
Nenhum trabalhador sabe e a pontuação fica quatro a três.
- O que é adubação verde? Segue a pergunta dos trabalhadores.
Paulo Freire reconhece que nada sabe do assunto. Novo empate: Quatro a quatro.
Assim sucessivamente, o jogo seguiu para terminar empatado: 10 x 10 pontos. (Relato adaptado de FREIRE, 1999, p.48).

Paulo Freire propõe aos trabalhadores que pensem no que ocorreu naquela tarde; eles passaram de uma posição de silenciados, para sujeitos que têm vez e voz no processo educativo; eles demonstraram que os seus saberes são tão importantes como os de Paulo Freire e tomaram consciência disso na relação.

Podemos constatar que uma relação educativa emancipatória foi construída pela mediação de Paulo Freire, mas com a participação ativa do grupo. Esta relação possibilitou a assunção de cada sujeito no mundo; foi possível o reconhecimento da importância de diferentes culturas e a possibilidade do diálogo entre elas. A questão da desmistificação ideológica, dos condicionamentos culturais e sociais a que somos submetidos, e que muitas vezes, favorecem à opressão e à sub-

missão representaram um dos pontos altos desse encontro. Todos (as) aprenderam que: as culturas são diferentes; jamais inferiores. Por isso o diálogo é possível.

O processo de aprendizagem para Paulo Freire é criativo e criador. Parte da observação do mundo e de cada ser no mundo. De início, podemos olhar o mundo através da “forma” e das circunstâncias que nos oprimiram ao longo da história, mas, o trabalho reflexivo emancipatório nos possibilita abrir novas visões e possibilidades. Ao chegarmos perto de nosso(a) educando(a) ou grupo de trabalho podemos desafiá-lo, instigá-lo a pensar além do óbvio. Isso pode “deflagrar” no aprendiz uma curiosidade crescente que pode torná-lo cada vez mais criativo. A curiosidade ingênua é natural. A criança quer descobrir tudo: o quê? Por quê? Como? Para quê? Muitas vezes, essa curiosidade segue a vida adulta e é tolhida. Que desperdício! A curiosidade ingênua é um passo para a curiosidade epistemológica. Com certeza, permanecer na ingenuidade é alimentar o monstro da opressão e da perversidade das classes dominantes em nós. Paulo Freire ensinava a compreensão e superação; jamais o silenciamento; a castração da liberdade de pensar e se expressar através da fala e de outras linguagens.

Nessa perspectiva, Paulo Freire insiste na relação de co-laboração”. (FREIRE, 1987); de partilha do ensinar com o aprender e vice-versa. Para se adentrar a fundo no conhecimento “cabal” do objeto, imergir nos contextos vividos e observados, emergir criticamente e ser capaz de inferências críticas; tudo se move pela curiosidade epistemológica que mobiliza a descoberta de origens, processos e relações culturais e sociais. (FREIRE, 1995).

Com essas reflexões, vamos seguindo com Paulo Freire e conhecendo a beleza de construirmos juntos um belo projeto de escola e demonstrarmos em cada tijolo, em cada parede erguida, em cada relação educador(a) com seus/suas educandos(as) a concretização do pensar certo, da opção pela ética universal do ser humano. Paulo Freire chama a atenção que muitos(as) de nós podemos pensar errado, achando que pensamos o certo. Mas, a humildade nos convida a problematizar os nossos pensares, sentires e fazeres e abriremos o caminho para a superação da curiosidade ingênua, para a prática da rigorosidade metódica, nutrida pela curiosidade epistemológica que auxilia a pensar o certo. Esses são passos marcantes na construção de uma Pedagogia da autonomia na nossa escola. E cada sujeito é coautor da produção da história.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecen-

do todo dia ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é um processo, é vir a ser. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”. (FREIRE, 2000 a, p. 121).

Paulo Freire nos convida assim a assumir a passagem da curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica, a nossa opção de vida, as nossas decisões, o nosso modo de aprender e ensinar, o nosso jeito de pensar, de sentir, de dizer e de agir, o nosso viver. Este assumir responsável é fundante da autonomia.

Como aprendizagens sociais de homens e mulheres, o ensinar e o aprender são históricos - fazem História. Eles são um processo de “criação e recriação”, em sua natureza política/pedagógica. A relação que se estabelece entre o educador(a) e seus/suas estudantes na perspectiva da Pedagogia Paulo Freire é uma relação radicalmente democrática e criadora. Para isso, precisamos ensinar aos(as) nossos(as) estudantes a pensarem certo, superando condicionamentos e achismos. Rigoriedade, na acepção freireana é ensinar a pensar certo, é garantir a aprendizagem de cada criança, jovem e adulto – educandos/as da nossa escola – é investir seriamente na apropriação crítica do conhecimento, a partir dos conhecimentos de experiência feitos, garantindo o diálogo entre os saberes culturais e os conhecimentos científicos e tecnológicos. (FREIRE, 2000b).

Freire reforça a ideia da necessidade de se investir na problematização, no uso de questionamentos, de perguntas investigativas e desafiadoras. Ele defende a espontaneidade, dizendo não ao espontaneísmo. “Nas condições verdadeiras de aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Paulo Freire lembra que “o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo”. (FREIRE, 2000a, p. 29-31).

A importância da iniciação científica e da pesquisa para a construção do pensar certo

Paulo Freire nos convida a vivenciar uma “pedagogia da pergunta”. A pergunta, a problematização e uma atitude de questionamento constante movem a busca por respostas bem fundamentadas ou por mais questionamentos que insti-

gam novas buscas para a compreensão da realidade. A pesquisa é inseparável da ação de ser professor(a).

A problematização é a chave-mestra da pesquisa. Paulo Freire nos convida a pensar a pesquisa como uma atividade inseparável da prática docente. Ele situa a pesquisa como integrada ao processo educativo e insiste que o professor deve se perceber e se assumir como pesquisador. “ O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos”. (FREIRE, 2000 a, p. 96).

Esse argumento se expressa na sua seguinte fala:

Fala-se, hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (FREIRE, 2007, p. 29).

A relação entre pesquisar e educar é íntima e intensa. Ambos os processos se completam e instrumentalizam uma prática educativa ética. Quando Paulo Freire afirma que faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa faz-nos pensar sobre os saberes constituídos nesse processo. A pesquisa não é para nos dar certezas, mas para possibilitar o questionamento de “verdades” já instaladas e abrir novas alternativas de busca. Ele explica: “Pesquisa para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (FREIRE, 2000, p. 32).

Ensinar com pesquisa, portanto, exige um profundo respeito aos saberes dos educandos e a aprendizagem da problematização. Não podemos pensar em desenvolver um processo de pesquisa com nossos/as alunos/as, se não reconhecermos os seus saberes anteriormente feitos, as suas histórias de vida, suas trajetórias; se não os respeitamos.

Aprendemos assim com Paulo Freire que devemos “não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, [...], discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos (Cf. FREIRE, 2000 a, p. 33).

Nesse contexto o/a professor/a se transforma em “eterno/a aprendiz”, e reconhece a necessidade de pesquisar, de se atualizar, para garantir aos/às seus/

suas estudantes o acesso às novas descobertas científicas e tecnológicas. E isto é muito complexo, diante das condições, muitas vezes precárias, da escola e da formação do/a professor/a. Mas, sonho e ousadia podem nos encorajar a mudar a cara da nossa escola e transformá-la em espaço emancipatório de produção de uma educação comprometida com a qualidade social, o cuidado com a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia Paulo Freire é um chamamento político, ético-crítico: é educação que se deve constituir como modo de vida, como práxis social, sintetizando a reflexão, a ação de decidir e a ação transformadora. Não pode ser deixada para depois, ou para determinados momentos formais; tem que se fazer experiência vital de todos os dias, em todas as horas. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.

A boniteza da prática educativa é a possibilidade de torná-la bela como “ato comunicante”. Por isso mesmo, Paulo Freire nos convida a correr o risco de “pensar certo”, de exercitar a criticidade que nos permite rejeitar com “garra” qualquer forma de discriminação, qualquer prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero, que ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

A substantividade de cada aprendizado nos estimula a ampliar a nossa visão de mundo e lutar pela dignidade humana e pela justiça social. Paulo Freire faz mais uma exigência: corporeificação das palavras pelo exemplo; coerência profunda entre o ser - o pensar - o dizer - o fazer ou refazer e o ressignificar, sendo cada palavra, gesto, ação, um anúncio de seu fazer crítico-ético; tudo isto vai fazer a diferença entre a prática educativa conservadora e a prática progressista.

Cada educador(a) como sujeito social no processo de reflexão crítica sobre sua prática torna-se capaz de sentir uma alegria imensa, pela possibilidade de se realizar como ser humano e de contribuir com a humanização de outros seres humanos, em especial, seus/suas educandos(as).

Está errada a educação que não reconhece a justa raiva, que protesta e se indigna com as injustiças, a deslealdade, o desamor, a exploração e a violência.. Paulo Freire não se refere à raiva fundada no ódio, mas a raiva que denuncia, resiste e se compromete com a libertação.

A Pedagogia Paulo Freire, ao exigir a rigorosidade metódica, a transitividade da consciência ingênua à consciência crítica, explicita o antagonismo entre a educação bancária fundada na visão dos colonizadores e da opressão e a educação

como prática de liberdade que privilegia a visão dos(as) oprimidos(as) e compreende, dialeticamente, as relações entre cultura, educação e currículo.

O profundo respeito aos educandos e às educandas, bem como aos/às educadores(as) é um processo de natureza educativa, pois, possibilita a cada sujeito afirmar a sua identidade na história social. O mais simples gesto do professor e da professora, por mais insignificante que pareça, possui uma força formadora; por esta razão Paulo Freire sempre está insistindo na responsabilidade do ato de ensinar como educar para a transformação social. É na experiência profunda do encontro, que cada ser humano tem possibilidades de se reconhecer e atuar como coautor da construção de uma escola plena de alegria, amorosidade e fé que cada membro de seu corpus tem direito e pode ser-mais, em que o currículo seja molhado de uma ideologia humanizadora, diretamente integrada a um projeto de sociedade fundada na ética universal do ser humano. Uma escola capaz de pensar certo!

Referências

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. **Paulo Freire - ontem e hoje:** textos e contextos. Recife: Prazer de Ler, 2013.

DUSSEL, Enrique. **A Ética da Libertação na idade da Globalização e exclusão.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira.** São Paulo: Cortez Editora e Instituto Paulo Freire, 2001.

_____. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 (a).

_____. **Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 2000 (b).

_____. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 2000 (c).

FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida.** 11 ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo e HORTON, MYLES. **O caminho se faz caminhando:** conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2009.

GAARDER, Jostein. **Ei! Tem alguém aí?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS - Nº 5/2021

PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR EXIGE AMOROSIDADE, OUVIRTUDE E UMA CONSTANTE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA

Targelia de Souza Albuquerque

É com muita alegria que entregamos à Editora Construir este quinto texto da série Paulo Freire na Escola. Dialogar sobre amorosidade em Paulo Freire é falar da sua vida, de seus primeiros passos em uma família, que assim se constituiu sob um alicerce de amor, dedicação, determinação e companheirismo; é rememorar como Paulo Freire foi cuidado nos momentos mais difíceis de sua meninice e adolescência, quando da mudança de Recife para Jaboatão dos Guararapes aos dez anos, tendo que lidar com o empobrecimento da família e, especialmente, aos 13 anos, ao enfrentar talvez a sua maior dor: a morte de seu pai Joaquim Temístocles Freire. Este lhe dedicava um imenso amor. O tempo de luto foi muito doloroso, mas a sua mãe dona Trudinha, Edeltrudes Neves Freire, irmãos, parentes próximos e amigos sempre o apoiaram, com paciência, tolerância e um profundo respeito aos seus sentimentos e modos de lidar com essa fase da sua vida.

Essas atitudes sinalizavam a amorosidade que produz vida e cuida para revigorá-la. Elas foram determinantes para superar a dor profunda pela morte do pai e todo o período de luto, como também, sob diferentes aspectos, o fez suportar em 1964, com o golpe militar, a prisão e o posterior exílio, transformando o período longe de sua terra natal – Recife – em caminhos profícuos de se fazer educação como prática da liberdade.

A amorosidade, em Paulo Freire, vai além das demonstrações de afeto e aproximação carinhosa; é tudo isso e muito mais: é cuidar do(a) outro(a) em plenitude; é compromisso com a justiça, a superação das opressões, com a liberdade que promove felicidade de povos e nações; reafirma o pacto pela vida!

Amorosidade é a demonstração concreta do profundo amor ao ser humano, que move o diálogo que sustenta a vida e a formação de coletivos críticos e libertários. Essa amorosidade que escuta; que estimula a pronúncia da palavra; palavra que é diálogo; é práxis. Amorosidade que se constrói na relação entre os seres humanos possibilitando a problematização da realidade; da denúncia e do anúncio, da resistência contínua pela humanização do sujeito humano. Amorosidade que não deixa calar e não produz silenciados(as), mas, defende e sustenta o silêncio reflexivo de autorreconhecimento e compreensão do mundo e de sua própria historicidade. (FREIRE, 1987).

A amorosidade freireana se realiza também na “ouvirtude”. A opressão semeia fatalismos, imobiliza e cala. Amorosidade germina a energia, a alegria do bom combate que orienta as transformações para o bem social. Ela nos abre à escuta cuidadosa, ao respeito pelos saberes de experiência feitos e à autonomia do ser dos(as) educandos(as); por essa razão, precisamos assumir o nosso papel e

atuações como professores e professoras críticos(as) contra as injustiças, as discriminações e investir na construção da sua Pedagogia Maior, a Pedagogia da Humanização, que sintetiza as demais: Pedagogia do Oprimido, da Esperança, da Autonomia, da Pergunta, da Indignação entre tantos caminhos que constroem a possibilidade de uma educação como prática da liberdade diretamente articulada a um projeto de sociedade.

Paulo Freire corporeifica uma filosofia de vida através de seus exemplos: modos de viver, sentir e agir para denunciar as injustiças e anunciar a possibilidade histórica de uma sociedade digna, fraterna e justa, de um mundo onde o cuidar da vida, reafirme a amorosidade autêntica a cada ser humano, às gentes, às plantas, aos rios, animais; à natureza e à cultura. Essa ética do cuidar da vida planetária, da defesa incondicional da humanização do ser humano, a exemplo do combate ao racismo e a qualquer forma de preconceito e discriminação; do respeito às diversidades culturais e suas manifestações, da disponibilidade de escuta para compreender e apoiar cada pessoa em suas dificuldades e aflições não sendo indiferentes à essas. Tudo isso aliado a uma rigorosa vigilância ética pessoal, comunitária, das políticas e ações governamentais, dentre outros grupos sociais, com base na ética universal do ser humano, do cuidar de nosso ethos – a mãe terra.

A amorosidade em Paulo Freire se funda nessa perspectiva ética do cuidar da vida de cada ser humano em comunidade planetária e isso pode ser demonstrado na sua própria história de vida, desde a sua família originária e as que constituiu com Elza Freire (sua primeira esposa) e com Ana Maria Araújo (Nita Freire, a sua segunda esposa após a viuvez) e às diferentes famílias educativas que seguiu construindo na sua imortalidade.

1 • Paulo Freire e suas diferentes famílias: a amorosidade e a escuta na criação e fortalecimento das relações dialógicas

Amorosidade foi o alicerce das suas múltiplas famílias: a família original; a família constituída com Elza, seus cinco filhos e demais parentes; a grande família formada com brasileiros(as) exilados(as) com ele no Chile e outros países; a família de trabalhadores(as) oprimidos(as) que se foi constituindo ao longo dos processos educativos dos quais participou pessoalmente ou através de suas obras, pois os(as) conhecia e dialogava com eles(elas) através de cartas e bilhetes de diferentes lugares do mundo; as famílias que acolheram suas palavras, corporeificadas nas suas falas e escritos pelos seus exemplos, e o incorporaram às suas lutas

e resistências contra a opressão, seja esta explícita ou velada. A família constituída com uma profunda amorosidade com Ana Maria Araújo (Nita), a sua segunda esposa, que foi uma verdadeira companheira de denúncias, anúncios e estimuladora de sua produção intelectual e que continuou a manter vivo o seu legado, mesmo depois de sua partida desse plano terrestre. E todas as famílias de educadores e educadoras brasileiros(as), latino-americanos(as) e de tantas outras veredas que continuam a homenagear Paulo Freire, consolidando o diálogo com ele e outros sujeitos humanos que se unem pela construção de um mundo solidário, compassivo e justo, para muito além de seu centenário.

Foi com amorosidade fundada na ética, na verdade, na indignação, na fé, no diálogo, no bom combate, na ousadia que Paulo Freire marcou cada passo de sua existência, nos ensinando a jamais desistir; a esperar sempre!

2 • A escuta amorosa no processo de avaliação da prática pedagógica.

Paulo Freire constrói o conceito de ouvirtude como um ato indispensável ao diálogo crítico e amoroso que fundamenta as práticas educativas emancipatórias. Ele destaca que a escuta democrática, vai além da escuta atenta e carinhosa, apesar de precisar dela, pois revela o compromisso em reafirmar a condição do(a) educando(a) como sujeito do conhecimento e da história. A ouvirtude, na visão freireana, vai exigir uma abertura total do(a) professor(a) para escutar atentamente o que o(a) educando(a) tem a dizer, valorizar os saberes de experiência feitos, mas, instigá-lo a compreender os fundamentos de sua fala, a interpretá-los, a desmistificá-los e recriá-los com criticidade. Não se trata de escutar por escutar, nem de acolher tudo o que é dito acriticamente. A escuta autêntica implica na iniciativa do(a) educador(a) de estimular os educandos(as), ajudando-os (as) a se reconhecerem como sujeitos do conhecimentos, produtores da história. (FREIRE, 2007).

Para que a escuta democrática se efetive há necessidade da relação dialética entre a fala e o silêncio. O silêncio é necessário para que a palavra seja pronunciada, ouvida e refletida. Esta reflexão verbalizada pode abrir novas problematizações que só ocorrerão com o silêncio atento e indagador próprio da escuta. O que queremos pontuar com essas explicações: a disciplina do silêncio é necessária tanto para os(as) professores(as) como para os(as) educandos(as). Isso é bem diferente do disciplinamento autoritário que cala, ordena o silenciamento, destitui o estudante do seu direito de pronunciar a sua palavra. Se

a pronúncia foi instigada, precisamos parar para escutar e isso exige silêncio; instrumento necessário à reflexão.

A escola precisa escutar o que seus/suas estudantes têm a dizer, de diferentes jeitos; a escola necessita escutar as famílias para criar a amorosidade e confiança necessários ao processo educativo. Essa escuta cuidadosa e amorosa pode desvelar muitas informações relevantes que exigirão sérios posicionamentos dos(as) envolvidos(as). Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Esperança” apresenta uma situação que aconteceu em uma escola de Genebra - Suíça, envolvendo o filho de um grande amigo seu, o cartunista brasileiro, Claudius Ceccon, chamado Flávio. Vamos reproduzir fragmentos do relato, porque poderemos aprender muito com este sobre a questão da ouvirtude e a necessidade de se avaliar a prática constantemente:

Um dia, tristonho e ferido, Flávio lhe disse que a professora havia rasgado um desenho seu. Vivendo a liberdade que ele aprendia, em casa, cada vez mais a usar, respeitando-se num clima de respeito e afeto, em que sua curiosidade não era interditada, em que sua criatividade tinha condições de exprimir-se, ele não podia compreender o gesto, para ele, e não só para ele, ofensivo, de sua professora, rasgando um desenho seu. Era como se a professora tivesse rasgado um pedaço dele mesmo. No fundo, seu desenho era uma criação que merecia tanto respeito quanto um texto ou um poema que tivesse escrito” (FREIRE, 1999, p.142).

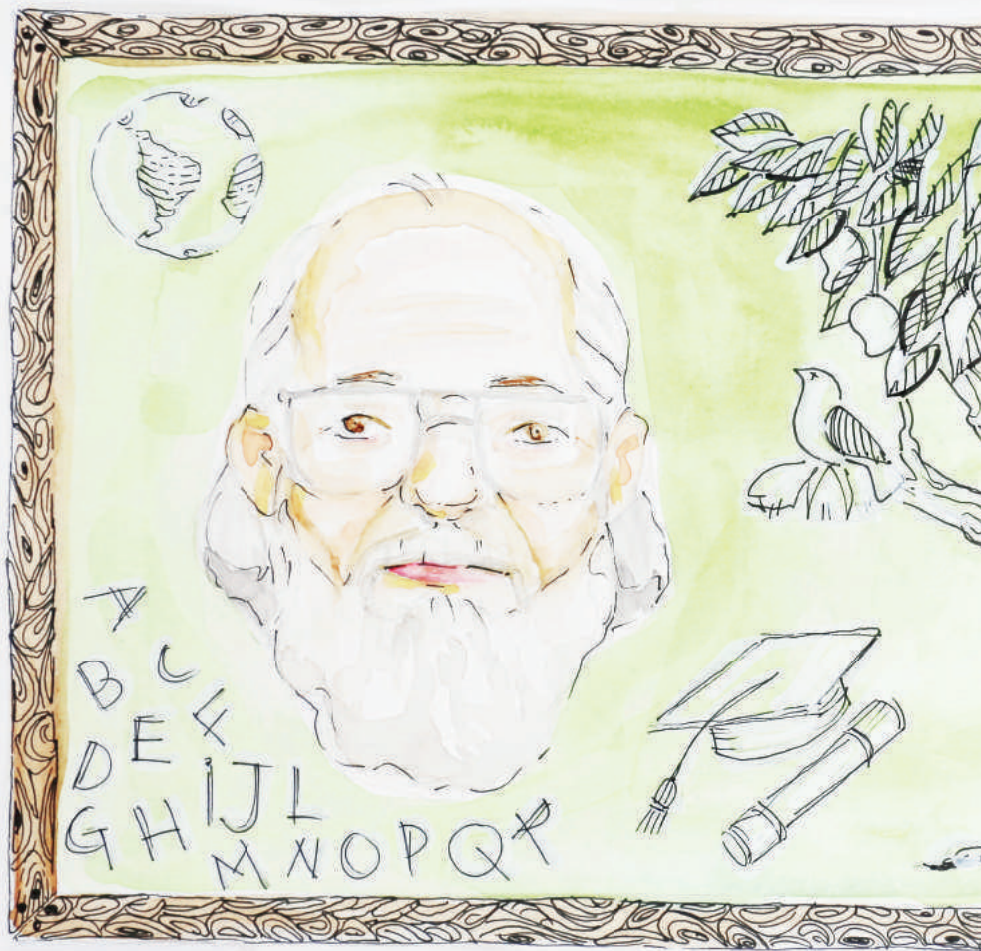
Claudius vai tecendo seu relato e explica que qualquer pai ou mãe de opção democrática e coerente com sua opção, teria feito o mesmo que ele: procurado a professora para conversar sobre o ocorrido. (Idem). Ao encontrar a professora foi muito bem atendido e perguntou sobre o ocorrido. Ela entusiasmada passou a elogiar Flávio como uma criança “inteligente e criativa” (Idem, p. 143). Então por que a professora havia rasgado o desenho de seu filho? A professora depois de explicar de forma entusiasta o seu método de trabalho e as atividades que desenvolvia como se realizasse uma das mais belas e eficazes ações educativas, justificou a sua atitude explicando que Flávio havia quebrado a regra de copiar e pintar “o modelo de gato” que havia apresentado à turma. Claudius problematizou essa atitude e falou “- Eu acho que teria sido melhor se eles tivessem tido na sala um gato vivo, andando, correndo, pulando [...]. As crianças desenhariam o

gato como o entendessem, como o percebessem. [...]. Seriam livres para criar” (Idem). Após retrucar veementemente, a professora exclamou que não poderia aceitar um desenho de um gato multicolor, pois, o gato que Flávio havia desenhado não existia e isso seria prejudicial para ele e para os demais estudantes. Ela jamais poderia aceitar!

Esse diálogo se estende por mais de meia hora, até Claudius Ceccon compreender que a visão de mundo e de educação da professora era a manifestação da cultura da escola. As suas práticas revelavam princípios e fundamentos de uma educação conservadora e bancária, como tão bem nos ensinou Paulo Freire, distinguindo-a da educação dialógica e libertadora. A professora era uma peça de um tabuleiro maior – a estrutura autoritária da escola e expressa na relação de autoritarismo também da professora: “professora manda, alunos obedecem”. Quem expressa a sua subjetividade está transgredindo regras e deve assim ser punido de diferentes formas. A formatação era prioritária; todo aquele que não se enquadra, precisa ser excluído para não contaminar os outros(as) com a sua subjetividade e liberdade de expressão.

Ao analisarmos essa situação, talvez digamos para nós mesmos(as): jamais chegaríamos a praticar atitudes tão extremas. Entretanto a verdade nos coloca em cheque e conduz a problematização dos nossos modos de ensinar e aprender. Quantos(as) de nós já incorremos nesse equívoco de priorizar um currículo verticalizante, sem dialogar com a fala de nosso(a) estudante, sem vivenciar a escuta democrática. Foi ouvindo aquela professora que o seu amigo cartunista chegou à conclusão sobre os fundamentos da Educação Bancária que atravessava a sua prática pedagógica e estruturava toda a escola. Não era apenas um caso isolado de uma professora que “agia inadequadamente”. O projeto da escola exigia a “burocratização de mentes”. (FREIRE e HORTON, 2009). A avaliação educacional se consubstanciava segundo modelos e padrões conservadores e autocráticos. A clareza dessa perspectiva curricular e as feições da escola foram descobertas na escuta cuidadosa e respeitosa. Isso foi decisivo na opção de retirar seu filho daquela escola e investir coletivamente na criação de uma escola substantivamente democrática. Foi um desafio e tanto!

Precisamos ter muita coragem e persistência para concretizar a premissa freireana de que ensinar e aprender é uma relação em comunhão, é a expressão concreta de uma relação dialógica que denuncia e anuncia. Isso é trabalho constante de avaliação constante da prática educativa e de nós mesmos(as) como sujeitos históricos que fazem parte da história da própria escola. Se não criarmos as





Yacine Francisco 2021

situações em que o(a) estudante possa pronunciar a sua palavra, estamos negando, a cada um(a) e a nós mesmos, o direito e a possibilidade de participarmos dessa bela aventura epistemológica de construir uma nova visão de mundo fundada na amorosidade, generosidade, fraternidade, justiça e liberdade.

Paulo Freire, na sua obra “A importância do ato de Ler” demonstra a relevância da avaliação e sua necessidade para a construção de uma prática educativa ética. Coloca a avaliação ética-crítica como uma das exigências da prática docente dentro e fora de sala de aula. Justifica a inter-relação entre a teoria e a prática em contextos avaliativos para tomadas de decisões emancipatórias. A avaliação é indispensável à reorientação curricular, à correção de rumos pedagógicos, à escuta autêntica dos(as) educandos(as) e, em especial, como auto avaliação de cada professor(a) na sua constituição como educador(a) comprometido(a) com uma educação emancipatória, substantivamente democrática.

A avaliação, para Paulo Freire, é uma exigência da ética universal do ser humano. É essa capacidade avaliativa que possibilita fincar os pés na realidade, descrever as suas relações e inter-relações sociais, culturais, econômicas, entre outras, compreendê-las e se organizar no coletivo para transformá-la, (re)criá-la. Paulo Freire demonstra essa necessidade da avaliação, quando explica: a avaliação é tão necessária à prática educativa como a água é para os peixes e a chuva para a agricultura; (FREIRE, 2007). Essa relação entre natureza e cultura e intervenção humana crítica é condição para a existência de uma avaliação dialógica, formativa e emancipatória.

Para Paulo Freire, os sistemas de avaliação educacional e os da avaliação da aprendizagem vêm, em sua maioria se constituindo autoritários e castradores, pois, colocam estudantes em graus diferentes de aprendizagem, e diversidades culturais, todos em uma régua, como a nivelá-los(as) e formatá-los(as), definindo uma uniformidade injusta e seletiva. Essa normatização é um instrumento útil de seleção, classificação e exclusão. Cada estudante precisa ser compreendido em sua história de vida, em singularidade, com seu potencial, equívocos de compreensão e dificuldades reais frente ao currículo acadêmico institucionalizado. Não estamos sendo contra a avaliação em larga escala e muito menos à avaliação da aprendizagem escolar. O que defendemos é uma ruptura com a avaliação classificatória, cuja expressão em rankings que estimulam a competição desleal deve ser banida do cenário de formação plena de crianças e jovens.

Vamos analisar o seguinte caso:

João, Márcia e Paula se candidataram em 2020 para cursarem o 5º ano em uma escola da rede privada, considerada pela comunidade como “muito boa”, pelo nível de aprendizagem da maioria dos(as) educandos(as); por seguir as orientações do documento: Bases Nacionais Comuns Curriculares e frequentemente chamar as famílias para comunicar sobre o desempenho escolar de seus filhos e suas filhas. Essa escola aplicou um teste diagnóstico com questões de Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências para verificar o nível dos(as) estudantes. Ao analisar os dados informativos de cada instrumento, a coordenadora verificou os erros e acertos de cada criança nas respectivas disciplinas e fez um mapa bem detalhado. Chegou à conclusão de que as crianças poderiam ser matriculadas no 5º. Esse mapa informava que Márcia tinha muita defasagem no processo de alfabetização, ainda não conseguindo produzir um pequeno texto nem mesmo formular sentenças com lógica; porém, ela tinha se saído muito bem em Matemática e Ciências. Como já estava com 11 anos, a coordenadora solicitou à família que colocasse uma professora extraclasse para dar apoio à mesma. João respondeu todas as questões de Matemática, de modo excelente, mas apresentou dificuldades nas outras áreas. Paula conseguiu acertar aproximadamente 50% das questões referentes à cada componente curricular testado.

Uma observação desse procedimento de testagem e da construção e uso do mapa de resultados poderia nos levar a elogiar a escola pela sua preocupação em fazer uma diagnose da situação das crianças para (re)orientar o processo de ensino e aprendizagem. Mas, não foi isso que ocorreu. O depoimento da própria coordenadora revelou que ela assumiu todo o processo, apenas tendo solicitado aos(às) coordenadores(as) de área a elaboração dos itens do teste. O mapa foi usado durante as entrevistas com as famílias para solicitar às mesmas que “arranjassem professoras particulares (explicadoras externas) para auxiliar seus filhos”. A coordenadora eximiu a escola de qualquer responsabilidade, deslocando-a para os genitores e as próprias crianças. Durante o ano letivo, em

algum momento, houve a concretização de um trabalho diferenciado com as crianças. (Depoimento de três professoras do 5º ano).

Ao refletirmos sobre essa situação, podemos problematizar: Qual foi a perspectiva de avaliação da aprendizagem adotada pela escola, através de sua coordenadora pedagógica? Como o erro da criança foi tratado? Por que a escola não escutava as crianças para saber dos motivos de seus interesses e desinteresses, seus equívocos; como elas pensavam para ter dado tais respostas aos itens do teste? Qual a finalidade daquele mapa? Será que ele não poderia ser o início do diálogo com cada criança e suas famílias. É fato que a coordenadora trabalhou bastante tendo como referência uma determinada concepção de educação e de avaliação. Não houve ingenuidade!

A avaliação é um ato de comunicação dialógica, em que os participantes desse processo estão inseridos em uma relação de ensinar e aprender. A avaliação precisa se colocar a serviço da prática educativa para (re)orientar e formular decisões a favor do(a) estudante. Isso é consenso para vários estudiosos(as) da avaliação na perspectiva formativa e emancipatória. (ALBUQUERQUE, 2013; 2006).

Para Paulo Freire a avaliação é um ato generoso, que revela uma profunda capacidade de amar e de doação. O(A) professor(a) precisa desejar que seu educando(a) aprenda. Ter confiança e passar essa confiança para ele/ela de que pode ser-mais. O educador(a) deve olhar nos olhos de cada estudante e dizer: Pode contar comigo, eu estarei com você nas vitórias e na hora do tombo. Lembramos aqui o diálogo de Paulo Freire com Frei Betto no livro *Essa escola Chamada Vida* (FREIRE e BETTO, 2000).

Isso significa reafirmar: você, caro(a) estudante tem direito de errar. Errar faz parte de seu processo de aprender. Porém, você precisa dizer o que sabe e o que não sabe. Eu, professor(a), preciso compreender como você está ou não aprendendo para poder ajudá-lo(a). A firmeza amorosa jamais poderá ser deixada de lado. É importante respeitar a autonomia do ser de cada educando(a) e instigá-lo a se comprometer com a sua aprendizagem e com a produção do conhecimento.

Mas, ao convidar Paulo Freire a entrar em cada escola significa assumirmos um compromisso de avaliar a própria escola e as condições objetivas e subjetivas de transformá-la em um espaço de experiência e vitalidade democráticas. É abrir trilhas à formação de grupos de estudo, que transformarão ideias em atos e se constituirão em novos grupos de ação.

UM CONVITE AMOROSO: VAMOS SER UMA ESCOLA- FAMÍLIA

Paulo Freire era um homem muito amoroso. Ele foi muito amado ao longo de toda a sua história de vida. Para Ana Maria Araújo Freire, sua segunda esposa, seu tocar, seu olhar e seu escutar expressavam essa amorosidade. Aprendamos a escutar, a notar, valorizar a vida e deixar fluir esse amor tão generoso que existe em nós. Nesses tempos de Pandemia, de tantas tragédias sociais, Paulo Freire nos convoca a reinventá-lo; a estudá-lo, compreender os princípios e fundamentos de suas lutas e resistências por uma educação substantivamente democrática, um dos principais alicerces de um projeto de sociedade emancipatório, fraterno, justo e livre.

Assim também ele nos convida a zelar pela nossa escola como família e pelas famílias universais. Esse é um bom combate que precisamos assumir no coletivo, trabalhando incansavelmente pela valorização dos(as) trabalhadores(as) em educação, professores(as), gestores(as), funcionários(as) entre outros(as); pelo chamamento à participação das famílias na escola; por uma educação para a qualidade social que garanta a cada criança, jovem ou adulto o direito a aprender, a ser escutado e respeitado; a ter acesso aos conhecimentos socialmente produzidos nas áreas científicas, técnicas e tecnológicas, a também ter apoio pedagógico, psicopedagógico especializado para superar as suas dificuldades de aprendizagem e ir se integrando com alegria no ambiente escolar.

Professores e professoras e demais trabalhadores da educação precisam ser amados(as), respeitados(as), ouvidos(as) para escutarem o que cada estudante, de diferentes formas, dizem a cada dia dentro e fora das salas de aulas, quando parecem não dar importância à escola, por atitudes inadequadas ou violentas, e até mesmo ao evadirem-se dela, rejeitando-a ou nem chegando a colocar seus pés na instituição.

Avaliar a prática pedagógica que produzimos na escola significa avaliar a nós mesmos(as) como educadores(as), tanto na dimensão individual como coletiva e tomarmos decisões éticas: quais as nossas responsabilidades e como iremos atuar para (re)criarmos uma escola democrática, inclusiva, dialógica, emancipatória e autenticamente amorosa? Por qual currículo devemos trabalhar incansavelmente? Como transformarmos a nossa escola em uma família em que cada membro cuida um(a) do outro(a), enfrenta as dificuldades para semear vida digna,

fraterna e justa? Quais as responsabilidades dos órgãos de gestão municipal, estadual, governamental na produção e execução de políticas públicas fundadas na ética universal do ser humano? Como atuaremos no bom combate, na resistência ativa contra as injustiças sociais e, em cada passo do caminho cuidamos uns(umas) dos(as) outros(as), “não soltando as mãos de ninguém”?

Nós, professores(as), trabalhadores(as) da educação, em diferentes espaços poderemos convergir nossos sonhos e ousar criar novos jeitos emancipatórios plenos de amorosidade de se fazer escola. Isso possibilitará vivermos juntos(as) essa aventura criadora com nossos(as) estudantes: da compreensão profunda das situações-limite em que estamos imersos, poderemos construir estratégias de superação e “parir” algo novo – emancipador: o “inédito viável. Ou seja, ao compreender com profundidade as situações-limite Precisamos, em silêncio reflexivo, escutar a pronúncia de José Maria Pires, trabalhador rural, ao término de um processo de formação político-pedagógica à luz de Paulo Freire em Curitiba, 2001, mas que vem atravessando os tempos: “Esse encontro foi do tamanho do universo, pois a cada semente que germina na cova, dá mais vontade de plantar”.

Vamos semear, cuidar das plantações e esperar!

Referências:

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. **Paulo Freire ontem e hoje-** textos e contextos. Recife: Prazer de Ler, 2013.

FREIRE, **Paulo. Pedagogia da Autonomia.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida.** 11 ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando:** conversas sobre educação e mudança social. 5 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, SINTEPE e o SINPROJA, de mãos dadas, com os(as) professoras(es) do Estado de Pernambuco, agregarão, a essas celebrações uma nova e mobilizadora energia educativa, pois, estes/estas com o seu trabalho cotidiano alicerçam a educação, abrindo trilhas para tantos brasis em nosso Brasil. Caminhando com Paulo Freire reafirmaremos a educação como ato político, comprometido com a qualidade social, com a vida, em síntese, com a ética universal do ser humano.

Através de artigos e textos, fundamentados na vida e obra de Paulo Freire, vivenciaremos um diálogo multidimensional e, conhecendo-o melhor, poderemos descobrir, desvelar e/ou reafirmar a necessidade da sua presença na escola, e coprodutora de uma existência digna, fraterna e justa. Vamos, de mãos dadas (Freire, 1987), mudar “a cara da escola”. Será uma “belezura”! (FREIRE, 2007).

Os olhos do mundo, em 2021, estarão voltados para o Recife – Pernambuco, cidade natal de Paulo Freire, pois, o seu centenário significa renascimento, produção de vida, resistência, denúncias e anúncios, em especial, é um centenário de **ESPERANÇA**.